



Somos un observatorio y laboratorio, dedicado a la investigación, diálogo y producción de pensamiento crítico y sensible por contagio y puesta en relación con los cine(s) experimentales. Hacemos hincapié, con fuerte énfasis, en las expresiones latinoamericanas. Y abiertos a los intercambios, los encuentros y mestizajes, nos presentamos como un espacio plurilingüe cuyas lenguas madres son el español, el portugués y el inglés.

Sin jerarquías y en estado abierto, desconociendo completud alguna, el cine que nos convoca, se dice fértil a la vez que precario, como lo son los cangrejos que habitan el manglar. Espacio netamente meridional y costero, espacio hodológico e intensivo, donde los cangrejos en su ser-multitud y en su caminar transversal están siempre entre el agua y la superficie, entre el pantano y las raíces, entre el mar abierto y el río... Siempre en ese entre-lugar donde, desconociendo identidad alguna, el cangrejo fluye y es uno con el medio que experimenta. Es cangrejo-manglar. Así, devenir cangrejos-cine, cangrejos cinematográficos, implica un transitar singular, un paseo constante en el borde, en la orilla. Estos seres de costa, con amor y estómago, experimentan y se hacen al caminar.

Sentimos que nuestra originalidad es nuestro hambre. Un hambre que desestabiliza las estructuras y formas, mina los lugares comunes y destierra los puntos de vista unívocos, porque su manifestación es la violencia. Un hambre, fuerza incontenible y violenta,

que se marginaliza de las normas de la industria, porque lucha contra los condicionamientos y las mentiras del mercado y contra la explotación del “exotismo” en geografías supuestamente “subdesarrolladas”. Este cine, como condición irrefutable, le otorga un lugar ético y político a aquello a lo que se enfrenta. Un hambre que se experimenta, que se dice cine experimental. Se trata de un campo expresivo que entendemos en su dimensión más abarcativa, y donde erradicamos los falsos problemas (digital/analógico, cine/video, cine/cine expandido, ficción/documental).

Allí el artista/cineasta simplemente toma y compone obras con los materiales, con los procedimientos que siente y considera más ajustados para darle luz a su expresión. Y eso es lo que nos interesa: la expresión, más allá de cualquier categoría o discusión por la técnica y el dispositivo por sí mismos. Un artista/cineasta cuya radicalidad se expresa tanto formal como éticamente, sin poder emanciparse entre sí. Un artista/cineasta siempre honesto e inconforme que expresa su hambre, su estado famélico y deseo de nomadismo, al no dar lugar a concesiones y manteniendo siempre su libertad. Abraza su hambre y su precariedad con amor, con tal de resguardar su libertad.

Geraldine Salles Kobilanski, Florencia Incarbone, Sebastian Wiedemann

septiembre 2013



Somos um observatório e laboratório, dedicado à pesquisa, diálogo e produção de pensamento crítico e sensível por contágio e posta em relação com os cinema(s) experimentais. Batemos pé firme, com forte ênfase, nas expressões latino-americanas. E abertos aos intercâmbios, os encontros e mestiçagens, apresentamo-nos como um espaço plurilíngue cujas línguas maternas são o espanhol, o português e o inglês.

Sem hierarquias e em estado aberto, desconhecemos completude alguma, o cinema que nos convoca, disse-se fértil a sua vez que precário, como o são os caranguejos que moram no manguezal. Espaço nitidamente meridional e costeiro, espaço hodológico e intensivo, onde os caranguejos em seu ser-multidão e em seu caminhar transversal estão sempre entre a água e a superfície, entre o pântano e as raízes, entre o mar aberto e o rio... Sempre nesse entre-lugar onde, desconhecendo identidade alguma, o caranguejo flui e é uno com o meio que experimenta. É caranguejo-manguezal. Assim, devir caranguejos-cinema, caranguejos cinematográficos, implica um transitar singular, um passeio constante na margem, na beira. Estes seres de litoral, com amor e estômago, experimentam e fazem-se ao caminhar.

Sentimos que nossa originalidade é a nossa fome. Uma fome que desestabiliza as estruturas e formas, mina os lugares comuns e desterra os pontos de vista unívocos, porque sua manifestação é a violência. Uma

fome, força incontível e violenta, que se marginaliza das normas da indústria, porque luta contra os condicionamentos e as mentiras do mercado e contra a exploração do “exotismo” em geografias supostamente “subdesenvolvidas”. Este cinema, como condição irrefutável, outorga-lhe um lugar ético e político àquilo ao que se enfrenta. Uma fome que se experimenta, que se diz cinema experimental. Trata-se de um campo expressivo que entendemos em sua dimensão mais abarcativa, e onde erradicamos os falsos problemas (digital/analógico, cinema/vídeo, cinema/cinema expandido, ficção/documentário).

Ali o artista/ cineasta simplesmente toma e compõe obras com os materiais, com os procedimentos que sente e considera mais ajustados para dar luz a sua expressão. E isso é o que nos interessa: a expressão, além de qualquer categoria ou discussão pela técnica e o dispositivo em si mesmo. Um artista/ cineasta cuja radicalidade se expressa tanto formal como eticamente, sem poder emancipar-se entre si. Um artista/ cineasta sempre honesto e inconforme que expressa sua fome, seu estado famélico e desejo de nomadismo, ao não dar lugar a concessões e mantendo sempre a sua liberdade. Abraça a sua fome e a sua precariedade com amor, com tal de resguardar a sua liberdade.

Geraldine Salles Kobilanski, Florencia Incarbone, Sebastian Wiedemann

setembro 2013

hambre | foundational text



We are an observatory and a laboratory dedicated to the research, dialogue and production of critic and sensitive thought by contagion and connection to experimental cinema(s). We emphasize in the Latin American expressions. Open to exchanges and encounters, we present ourselves as a multilingual space which mother tongues are Spanish, Portuguese and English.

Without hierarchies and with an open state of mind, unknowing any kind of completeness, the cinema that impels us is fertile and precarious, like the crabs that habit the mangrove swamp. A space purely southern and coastal, an intensive space where the crabs in their being-multitude and in their transversal walking are always between the water and the surface, between the swamp and the roots, between the open ocean and the river... Always in between-places where, without acknowledging any identity, the crab flows and becomes one with the environment that it experiments with. A crab-swamp. In this way, becoming crab-cinema, cinematographic crabs, implies a singular movement, a constant move in the border, in the shore. This beings of the coast, with love and stomach, experiment and made themselves by walking.

We feel that our originality is our hunger. A hunger that destabilizes structures and forms, mines common places and banishes univocal points of view because its manifestation is violence. A hunger, an overwhelming force that excludes itself from the

industry norms, because it fights against the restrictions and the lies of the market, against the exploitation of the “exoticism” in supposedly “underdeveloped” geographies. This cinema, as an irrefutable condition, gives an ethical an political place to what it faces. A hunger that has to be experimented, that it calls itself experimental cinema. An expressive field that we understand in its more inclusive dimension, and where we eradicate false problems (digital/analogical, cinema/video, cinema/expanded cinema, fiction/documentary).

There, the artist/filmmaker simply takes and composes his work with the materials, with the techniques that feels and considers proper to bring into light his or her expression. And that is what we are interested in: the expression, beyond any category or discussion about techniques by itself. An artist/filmmaker whose radicalism expresses itself formally an ethically, without being capable of emancipation between one another. An artist/filmmaker always honest and dissatisfied that expresses his hunger, his famished state and nomadic desire, because he never gives place to concessions and always keeps his liberty. An artist that embraces his hunger and precariousness with love to preserve his liberty.

Geraldine Salles Kobilanski, Florencia Incarbone, Sebastian Wiedemann

september 2013